

## DE UMA PASTA DE VELHOS RECORTES

### FOI VESPUCCI UM ESPÃO?

A. PICCAROLO

Pela centéssima vez está se ferindo uma polêmica tão inútil quão perigosa e contraproducente, em torno de Américo Vespucci, que alguns querem espezinhar, negando-lhe qualquer valor, inclusive a dignidade e a moral, e outros pretendem endeusar, colocando-o acima do próprio Colombo. E tudo isso em nome de um patriotismo cego, que é negação de todo conceito e sentimento de Pátria.

Refiro-me agora a um desses fenômenos patológicos que conseguem difamar as doutrinas políticas mais sinceras e os princípios humanos mais sagrados. A arma de que se servem os adversários da democracia, por exemplo, é a facilidade com que, às vezes, esta cai na demagogia. O desacreditado que mais gravemente ameaça o conceito de Pátria é esse patriotismo ou nacionalismo, como se diz atualmente, exagerado, quase diria insensato, tão perigoso quanto a demagogia. O patriota, neste caso, deixa de sê-lo por se transformar em patrioteiro profissional ou explorador do patriotismo.

Pior, ainda, se torna o fato, quando esse erro passa da política para a história; porque neste caso ao delito político junta-se o delito científico. De fato, se a história é uma ciência - e assim penso eu - deve manter-se pura e isenta de qualquer paixão, a não ser o amor à pesquisa da verdade. Porque pretender violentar a história para fazê-la servir a determinados fins e à demonstração de determinadas teses, significa pura e simplesmente falsificá-la, crime que, por não estar sujeito a sanções

jurídicas, não é por isso menos grave e merecedor da reprovação de todas as pessoas honestas.

É o que ocorre no caso da polêmica que, há quase um século, se está ferindo em torno de Américo Vespucci; ao qual, entre as outras, se movem duas acusações principais: de ter voluntária e sorrateiramente furtado a Colombo a glória de dar o nome ao continente por ele descoberto, e de ter passado, em 1501, a serviço de Portugal não por convite de Dom Manuel, como ele diz em sua carta a Lourenço de Pedro Francisco de Medicis, mas sim por sugestão do rei da Espanha, que fez dele o seu espião junto à corte lusitana.

Quanto à primeira acusação, não se fazem precisos novos esforços para rebatê-la; porque isso significaria, como dizem os italianos, “sfondare una porta aperta”. Como se sabe, quem primeiro deu o nome, ou, melhor, propôs que se desse o nome de “América” ao novo continente foi o autor da “Cosmographiae Introductio”, Martin Waldseemuller, nome original que ele helenizou em “Mylacomylus” (moinho do bosque), em 1507, reproduzindo a carta de Vespucci a Soderini, traduzida em latim. Já anteriormente essa carta tinha sido traduzida em latim por frei Giovanni del Giocondo, e em francês pelo cônego Jean Basin Sandecourt. Parece que Waldseemuller verteu novamente para o latim a tradução francesa e a publicou com a famosa proposta que deu origem ao nome da América. Diz de fato Mylacomylus: “Nuncvero et hec partes (Europa, Ásia e África) sunt latius lustratae et alia quarta pars per Americum Vesputium, ut sequentibus audietur, inventa est, quare non videtur cur quis iure vetet ab Americo inventore, sagacis ingenii viro, Amerigem quasi Americi terram, sive Americam dicendam; cum et Europa et Asia a mulieribus sua sortita sunt nomina” (“Agora, porém, estas partes (Europa, Ásia e África) foram mais amplamente perlustradas, e a quarta parte, como se verá em seguida, foi descoberta por Américo Vaespucci, pelo que não vejo razão por que, a bom direito, pelo nome de seu descobridor, homem de inteligência sagaz, não seja chamada de Amerigem, que é como dizer terra de Américo, isto é América; sendo que a Europa e a Ásia receberam seu nome de mulheres).

Depois disso não pode haver dúvidas. Vespucci não tem culpa de a América chamar-se América, em vez de Colúmbia, como seria de justiça. O único culpado é o teuto Waldseemuller que, impressionado

pelas cartas de Vespucci, publicadas três anos antes, e que em tão breve espaço de tempo chegaram, através da França, até a cidadezinha dos Vosges, lançou sua idéia, que encontrou o apoio geral e vingou em todo o mundo.

Desse ponto de vista, portanto, pode-se dizer que Vespucci teve grande sorte, superior aos seus merecimentos, e nada mais.

Mais grave é a segunda acusação, que pretende fazer de Vespucci um vulgar espião a serviço do rei da Espanha. Começou-se por invalidar a autoridade das cartas vespuccianas, considerando-as falsificadas por não se encontrar o original escrito de punho do autor. Guiando-nos por esse critério, nove décimos ou mais da literatura de todos os povos, anterior ao século XIX, deveriam ser considerados falsificados, a começar pela literatura portuguesa. Mas deste assunto já tratei amplamente no meu livro “Gli Italiani nel Brasile”, publicado em 1922, por ocasião do centenário da Independência.

A pecha de espião, que deu lugar à polêmica a que me referi, foi obra, sobretudo, do dr. Zeferino Cândido, no alentado volume “Brasil”, publicado no ano de 1900, quarto centenário do descobrimento desse país. Nessa ocasião vieram à luz trabalhos numerosos e importantíssimos, como, por exemplo, os reunidos no “Livro do Centenário”, sobretudo a “Descoberta do Brasil”, de Capistrano de Abreu, estribado num método e numa honestidade inabaláveis. Mas, como sempre acontece em questões semelhantes, apareceram também os sectários, os exclusivistas que, num mal entendido patriotismo, empregaram esforços inúteis, dissiparam energias preciosas em favor de uma tese preconcebida.

Entre estes acha-se, como já disse, o livro do dr. Zeferino Cândido, livro que mostra no seu autor cultura não comum e indiscutível boa fé, mas que se apresenta eivado de um sectarismo ferrenho.

Nesse livro tem as suas raízes a pecha de espião. Vespucci - diz Zeferino Cândido - esteve antes na Espanha como simples comerciantes; como “mercador” acompanhou Mojeda na sua viagem ao Novo Mundo em 1499, com o único escopo de se enriquecer. Mas voltou dessa viagem arruinado. Existia naquele momento grande emulação entre Espanha e Portugal, que se disputavam as novas terras descobertas, e, portanto, se esforçavam por descobrir os propósitos um do outro. Espanha enchera

Lisboa de espíões, afim de saber o que pensava, o que preparava e o que fazia o governo português a respeito das terras americanas.

Eis as próprias palavras de Zeferino Cândido: “Não chegavam os meios diplomáticos, que se empregavam com larguesa; havia embaixadores em duplicata e às vezes três e quatro. Qualquer pretexto servia para mandar mais algum em missão especial, aumentando o corpo dos investigadores, em geral homens escolhidos. Mas, em camada mais baixa, os embaixadores das tascas, dos becos, da ribeira. Era preciso conviver com a maruja, saber ouvi-los e conversá-los; os que iam e os que voltavam; para onde iam, donde vinham; o que tinham feito, o que tinham visto. E, entre essas duas classes, outra, a dos homens astutos, mas apresentáveis; que pudessem ouvir e viver em classes burguesas e fidalgas; explorar os pilotos, os mestres, os escrivães, os cosmógrafos; os capitães, mesmo Vespucci e Juan de la Cosa e outros desta categoria exploraram esta profissão em Lisboa, por conta da Espanha”.

Para assacar contra alguém uma acusação desta feita, tão grave que seria suficiente por si só para destruir moralmente não um, mas milhares de indivíduos, haverá documentos positivos, de autenticidade indiscutível, pensará o leitor. Nada disso. Uma simples hipótese, uma suposição. Entre os muitos italianos que naquela época mercadejavam em Lisboa havia o florentino Bartholomeu Marchioni, homem de grandes negócios, o mais importante, talvez, daquela praça. Vespucci, que passara da Espanha para Portugal, não a chamado de Dom Manuel como ele diz, mas enviado pelo velho rei Dom Fernando, como afirma Zeferino Cândido, devia (é sempre uma hipótese) freqüentar a casa de seu patrício, onde se tratava de negócios marítimos e corriam todas as notícias relativas aos países recém-descobertos. Aí ele pôde inteirar-se de todos os acontecimentos, de todas as notícias que os que voltavam traziam das novas terras. Ouçamos ainda o autor nas suas próprias palavras:

“Bartolomeu Marchione, entre outros mercadores seus patrícios, era um centro notabilíssimo de toda esta vida do mar e de aventuras. Tudo ali ia, desde os capitães-mores, chefes de expedição, até os marinheiros mais baixos. O rei precisara dele em 1501, para mandar João da Nova atrás de Cabral; vira-se forçado a tomá-lo em parceria, concedendo-lhe que armasse por conta própria. Certamente, porque o rico armador lhe fornecera capitais ou fazendas. No escritório Marchioni faziam-se

transações de valor, muitas mais seriam propostas e rejeitadas. Marchioni, ou quem por ali andasse, seria bem informado. Vespuccio fazia seguramente o seu centro na casa do seu patrício e aí soube tudo que precisava para trazer o rei Fernando, de quem era serviçal, bem ao correr do que ia por Lisboa. Com os dados que aí obteve fez àquele católico rei os seus relatórios, e, com a mesma matéria, introduzindo-lhe a condição de agente (eis a sua grande falsificação), formulou essas informações, sumários, cartas ou o que foi que, primeiro em Lorena, depois pela Alemanha, serviram de base a essa lenda extraordinária, a mais extraordinária, sem dúvida, que se conhece”.

Deste modo o dr. Zeferino Cândido nega a autenticidade das viagens de Vespucci que, durante o período 1501-1505 nunca se teria arredado de Lisboa. Desacredita-o, negando-lhe toda capacidade náutica, e o reduz à posição de simples homem de negócios mal sucedidos.

Diante de afirmações tão descabidas e contrárias à serenidade que sempre deve presidir a atividade histórica, que se deve fazer? Ou passar além, como Virgílio aconselha Dante a fazer com os ignavos, ou, em se querendo dar uma resposta, apelar simplesmente para a realidade histórica, mais eficaz do que quaisquer palavrórios.

Infelizmente, muitas vezes se preferiu opôr exagero a exagero, apologia a apologia, endeusamento a endeusamento, ou doesto a doesto.

A epopéia dos descobrimentos oferece um cenário tão vasto, que nele acham lugar e podem livremente mover-se portugueses, espanhóis, italianos e outros; a messe de glória dessa luminosa jornada é tamanha, que todos podem colher louros mais que satisfatórios, sem brigar por causa de insignificantes questiúnculas de importância secundaríssima. Nada mais ridículo do que ver milionários brigarem por vintens.

Portugal, que se achava no período mais brilhante de sua história, teve nessa grande epopéia parte preponderante, não há dúvida. A Itália, que, apesar do brilho do Renascimento, se achava politicamente em período de decadência, era obrigada a mandar os seus filhos mundo afora, em busca de condições em que pudessem desenvolver a sua atividade. Alguns desses filhos dirigiram-se para Portugal e Espanha, e trouxeram a esses povos o próprio auxílio na grande empresa dos descobrimentos geográficos.

Qual a contribuição de uns e outros para o grande feito? Isso é o que a história serenamente, longe de toda paixão sectária ou nacionalista deve apurar. Afora isso, se não queremos ser injustos, só temos uma coisa a fazer: declarar a nossa gratidão, indistintamente, por todos os heróis que, através de lutas titânicas, abriram um mundo maior às nossas pequenas ambições.

(“O Estado de S. Paulo”, 19-2-1940)